



RELAÇÕES PERIGOSAS: GÊNERO E MERETRÍCIO NA MPB

Hermano de França Rodrigues

Universidade Federal da Paraíba – hermanorg@gmail.com

Resumo: Este trabalho propõe-se a analisar a presença e o papel das ideologias na canção *Folhetim*, de Chico Buarque de Holanda. A composição faz parte da obra *A Ópera do Malandro*, encenada pela primeira vez em 1978, na qual se evidência o caráter ambíguo dos personagens, cujas ações são marcadas pela malandragem, astúcia e dissimilação. Não há lugar para estereótipos ou conceitos pré-fabricados. O ser humano, aqui, ocupa o teatro da vida despojado de seus “vícios”, que se convertem, por vezes, em atributos valorizados, contrariando o imaginário hegemônico. Deparamo-nos com homens e mulheres arditos, cômicos de seus lugares e discursos, capazes de questionar a realidade que os circundam. Rejeitam a passividade e agem sobre o outro, manipulando-o conforme suas necessidades. Mesmo os sujeitos que, aparentemente, poderiam ser considerados vítimas, como a prostituta, na realidade, não o são. Eis a problemática presente em nosso *corpus*. Imersa, historicamente, nas discussões políticas e sociais que circulavam nos últimos anos da década de setenta, sobretudo no tocante ao mercado do prazer, a peça buarquiana instaura um certo mal-estar ao delegar a voz àquela que, numa visão conservadora e determinista, habita, ainda em plena modernidade, o submundo do sexo. Em *Folhetim*, a prostituta nega os signos da desgraça e da desventura (há muito utilizados para justificar sua condição) e assume o desejo, o gozo e a satisfação de superar, no sexo ou por meio deste, o homem. Nossas investigações fundamentaram-se nos postulados operacionais da *semântica lexical*, especialmente os concernentes aos processos de sinonímia, antonímia, hiponímia e hiperonímia, estabelecidos por BARBOSA (2006).

Palavras-chave: MPB, Prostituição, Discurso.

1. Preliminares

Em nossa sociedade moralista e, por vezes, tartufa, construiu-se, durante a história, um estigma de prostituta enquanto sujeito explorado, mutilado, subordinado ao sofrimento, com o propósito ardil de resguardar uma imagem de submissão natural feminina pautada, ainda, na concepção medieval de mulher. Apesar de estarmos vivendo a efervescência da liberdade sexual dos tempos hodiernos e sermos “bombardeados” por uma política de aceitação universal, deparamo-nos com textos, discursos e ações de desaprovação à mulher que envereda no mundo da prostituição por livre iniciativa. Esperamos que o ser feminino, ao adentrar nesse submundo, justifique sua inserção usando argumentos de ordem social, como por exemplo, a pobreza e os problemas dela decorrentes. É como se a concepção de prostituição, como uma possível escolha da mulher, evidenciasse a putrefação dos valores morais do corpo social.



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Durante épocas, impusemos ao sexo dito inferior, como forma de testar sua pertença social, um molde comportamental que exige um recato dos gestos, das palavras, do comportamento. Esse arquétipo, alimentado pela tradição, estabeleceu-se na vida pública como algo que estar, inevitavelmente, subordinado à integridade sexual. Nessa perspectiva, aquela que opta por desviar-se do caminho postulado pelos “bons costumes” torna-se um referencial negativo de mulher, um “paradigma” que não deve ser seguido e sim, repudiado. Tal conformação ideológica deixa visíveis as engrenagens de um sistema perverso e implacável, onde vozes são sobrepostas ou silenciadas em prol da manutenção de uma ordem segundo a qual homens e mulheres moldam-se, constituem-se e diferenciam-se segundo as leis da honestidade e do pudor.

A literatura erudita, no período da estética romântica, reiterou e reforçou um estereótipo de prostituta, apresentando-a como produto de um determinismo social, um indivíduo subalterno, repugnante e merecedor somente de sentimentos menores. Sua remição e libertação dependiam necessariamente de um fazer masculino. Somente o homem poderia retirá-la desse ambiente corrosivo e inóspito, ofertando a ela uma possibilidade de viver sob a égide dos princípios moralmente aceitáveis. *Lucíola*, de José de Alencar, encaixa-se perfeitamente nesse paradigma.

Nas compilações populares, todavia, as prostitutas raramente se redimem. Em geral, são construídas a partir de um olhar masculino reprovatório e mutilador. Recebem revestimentos figurativos disfóricos e, devido aos atos “vergonhosos” que praticam, são sancionadas negativamente. Causadoras da desestruturação familiar, da perdição do homem, acolhem punições que vão desde a morte provocada por doenças extremamente contagiosas e letais à inclusão na “sarjeta”, jogadas às ruas, sendo observadas com nojo e repugnância.

Este trabalho propõe-se a analisar a presença e o papel das ideologias na canção *Folhetim*, de Chico Buarque de Holanda. A composição se insere na Obra *A Ópera do Malandro*, encenada pela primeira vez em 1978, onde o autor procura mostrar que a malandragem (astúcia, dissimilação) é inerente às ações dos personagens. Estes são todos ardilosos e querem, acima de tudo, tirar proveito das situações, sejam elas benévolas ou não.

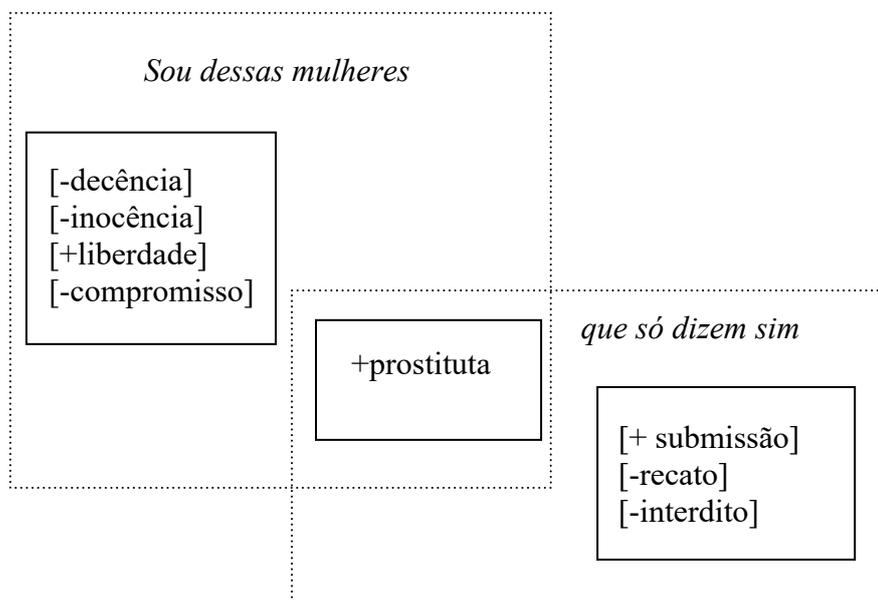


Mesmo aqueles que, aparentemente, poderiam ser considerados vítimas, como a prostituta, na realidade, não o são.

A pesquisa fundamentou-se nos mecanismos operacionais da semântica lexical, especialmente os concernentes aos processos de sinonímia, antonímia, hiponímia e hiperonímia, estabelecidos por Barbosa (2006). São procedimentos semânticos possíveis de serem apreendidos em suas relações ideológicas e significativas. É indiscutível que a utilização de determinadas formas semiológicas, como também a própria relação entre essas formas, possibilita a análise e apreensão dos conceitos que corporificam a visão de mundo dos sujeitos sobre dado objeto situado sócio-historicamente.

2. A coincidência ou não de traços semânticos conceptuais

O enunciador, no texto, assume o revestimento figurativo e a voz de uma prostituta. Sem nenhum pudor, declara para o seu enunciatário – um possível “cliente” – ser uma mulher que usa o corpo para angariar “favores” e, com isso, saciar seus desejos e necessidades. Ela deixa claro que, se ele a quiser, fará de tudo para satisfazê-lo. Sua investida assenta-se, linguisticamente, sob uma relação sinonímica entre as lexias “*sou dessas mulheres*” e “*que só dizem sim*”. Essas expressões preservam traços semânticos conceptuais que asseguram uma coincidência significativa entre ambas. Observe a diagramação:



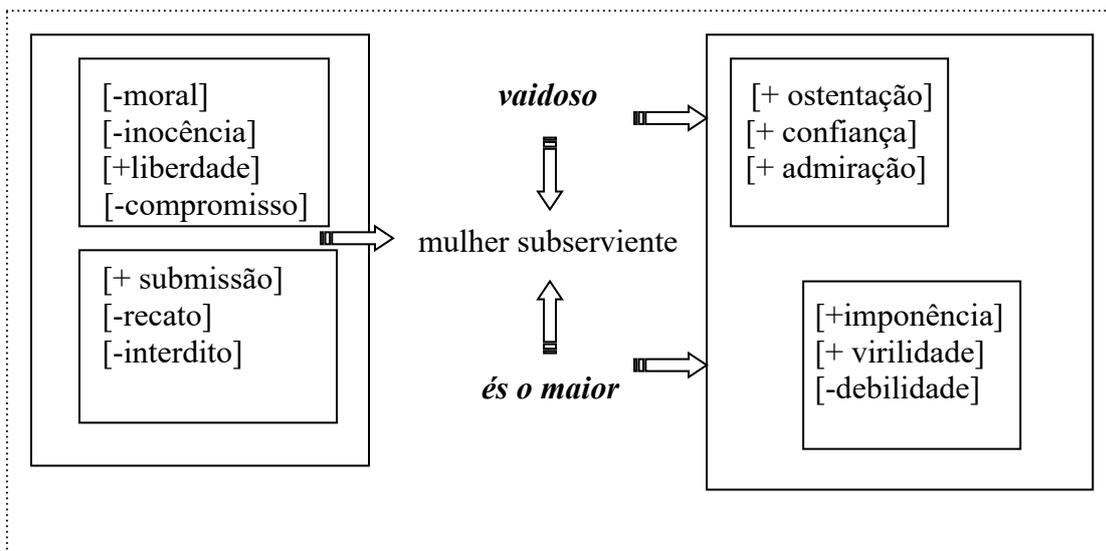


II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Os traços [-decência, - inocência, + liberdade, - compromisso] trazem à tona um estereótipo de prostituta, delineado por concepções éticas “debilitadas”, que reforça a natureza licenciosa daquelas que concebem o sexo como forma de ascensão. São mulheres independentes, livres, que não se prendem a ninguém e a ninguém querem estar presas. Esses atributos soam como eufóricos para alguns homens que, buscando somente o prazer, as vêem como meros objetos de consumo. A essa caracterização, somam-se os traços [+ submissão, - recato, - interdito], esboçando, assim, a imagem de uma mulher que, desprovida de preceitos morais, está disposta a tudo, desde que seja paga para tal.

Ardilosamente, é essa máscara que a prostituta, na canção, coloca. Sua intenção é fazer com que o homem se sinta dono da situação, o que, na verdade, não acontece. Ela o engana, o ludibria, insufla o seu ego. A aparente fragilidade e servilidade é uma estratégia para que, fazendo-se acreditar, consiga retirar daquele sujeito, com quem não mantém nenhum vínculo afetivo, recursos necessários a seu bem-estar. Esse jogo aparece sintetizado, na tessitura textual, pelo par sinonímico *vaidoso* – *és o maior*, cujos traços se articulam da seguinte forma:





II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

A sedução arquitetada pela prostituta assenta-se sobre elementos que ganham forma na relação homem ↔ mulher. É um percurso que compreende duas etapas que se encontram intrinsecamente imbricadas. Inicialmente, ela apela para a vaidade do homem, atribuindo-lhe, falsamente, uma virilidade e soberania, ou seja, proporciona-lhe momentos nos quais ele terá o total domínio sexual sobre ela. A partir daí, confiante, supondo que é o dominante, o homem certamente cederá aos seus caprichos. O trecho seguinte corrobora as asserções feitas:

*“Se acaso me quiseres
Sou dessas mulheres
Que só dizem sim”*

*“E te farei, vaidoso, supor
Que és o maior e que me possuiis”*

Em termos antonímicos, sobressaem, no texto, duas referências temporais, semanticamente opostas, que correspondem aos momentos em que a mulher age sobre o homem, tencionando por em prática seus objetivos. A primeira estrutura, “*uma noitada* boa”, faz referência à lucratividade obtida pela simples satisfação dos desejos sexuais. Aqui, o parceiro é visto como um ser passivo, um animal a ser pego e devorado. O prazer, nesse tipo de “transação”, constitui a recompensa por ela almejada. É uma relação de interesses, estabelecida *sempre à meia luz*. Tal expressão explicita a ardileza da prostituta que aproveita o momento, no caso a relação sexual, para iludir o homem com falsos dizeres. Ela, astuciosamente, o manipula por meio de sortilégios e mentiras, fazendo-o crer que ele detém o controle da situação e, portanto, concentra a posse do corpo feminino.

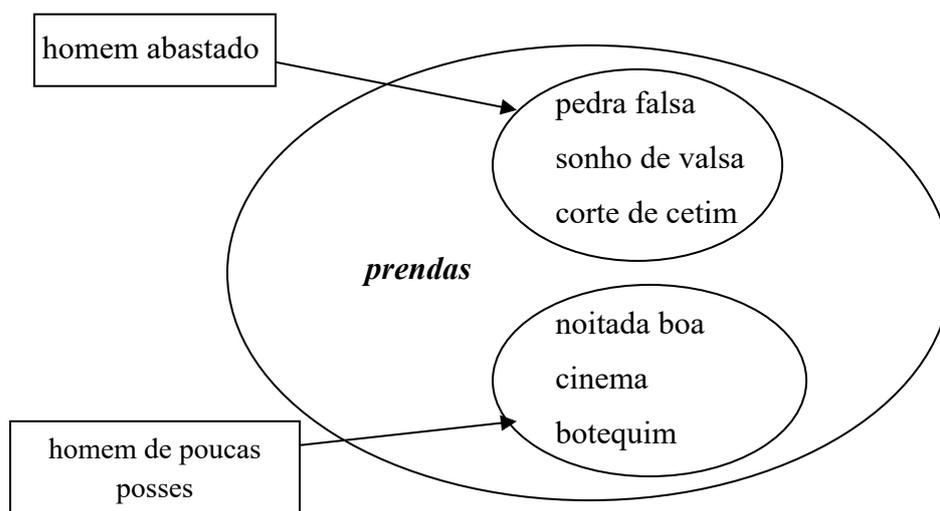
Com a chegada da *manhã*, depois de ter conseguido o que desejara, a prostituta descarta o *cliente*, visto que este já não serve mais para nada. O vínculo entre ambos é estritamente comercial. Ela faz da venda de seu corpo um meio de sobrevivência e de ascensão social. E o mais curioso é que não se sente explorada, abusada ou oprimida. Pelo contrário, encara o ofício com naturalidade e regozijo. Sob essa ótica, cabe ao homem o papel de objeto explorado. Depois de ser usado, perde os seus “atrativos” e transforma-se em passado.



A oposição **noite** – **manhã** pode remeter a uma alegoria do desenvolvimento e apagamento da prostituição. É sabido que o comércio sexual desenrola-se, com maior intensidade, sob a proteção da noite, quando a vigilância é menos efetiva. A imagem da escuridão remete, portanto, ao momento das intrigas, mentiras, dos fatos escusos que permeiam esse tipo de transação. Nessa diagramação, a *manhã* aparece como o momento de diluição. A chegada do novo dia reforça a idéia de aniquilamento daquilo que aconteceu e traz de volta a expectativa de que, provavelmente, acontecerá de novo, a continuação do círculo vicioso.

3. A organização dos campos

Como se percebe na canção, a prostituta deixa claro sua disposição para cumprir todas as vontades de seu cliente, caso ele seja gentil para com ela e lhe conceda algumas prendas. Estas mudam conforme o poder aquisitivo, ou melhor, monetário do “freguês”. Formam-se, assim, em termos lingüísticos, dois campos que reúnem os co-hipônimos, socialmente determinados, concernentes ao hiperônimo **presentes**:



Cumprir salientar que, seja pobre ou rico o seu “investidor”, a prostituta sempre sairá lucrando. É esse o fundamento, segundo ela, de ser prostituta: desfrutar da vida, sem gastar

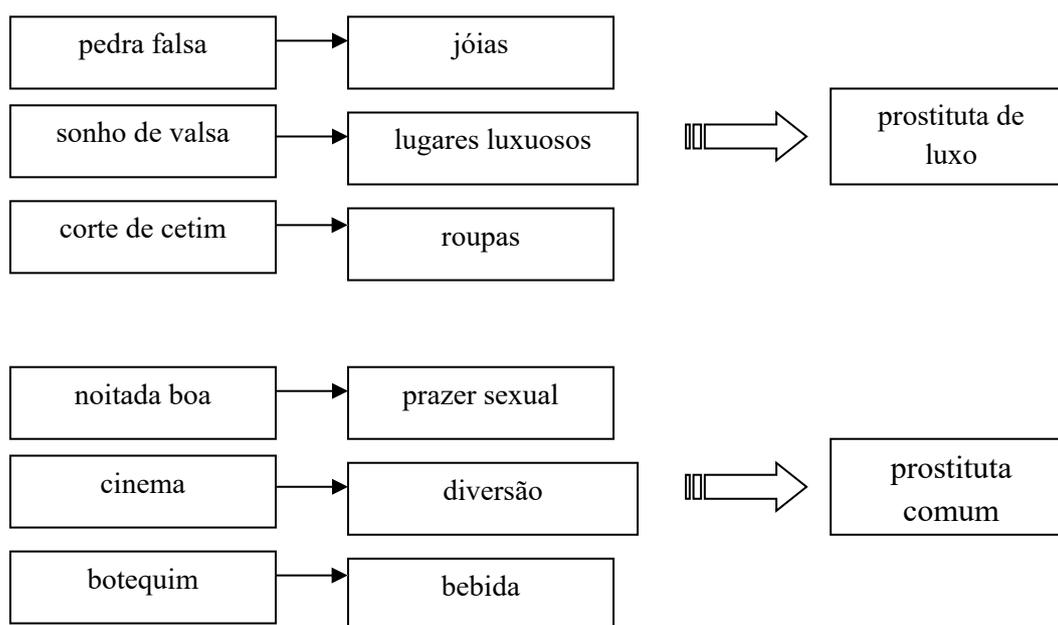


II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

absolutamente nada para isso. Constatamos, aí, o papel inferior do homem, que financiará, custeará, pela troca do sexo, os “pequenos” caprichos de sua efêmera parceira sexual.

Analisando, com maior atenção, os co-hipônimos desses campos, percebemos que não se trata mais da visão de uma única prostituta e sim, de uma divisão social e organizada da própria classe. No primeiro patamar, encontram-se as prostitutas de luxo que preferem os homens ricos para angariarem jóias (mesmo que falsas), roupas caras e, não menos importante, poderem freqüentar lugares requintados e luxuosos. No segundo nível, situam-se as prostitutas comuns que mantêm relações “comerciais” com homens de menor poder aquisitivo, almejando o prazer sexual, a diversão e a bebida. Nos dois estratos, a superioridade delas é evidente. Observe os diagramas:



Ao tratar da organização das prostitutas, a canção expande-se contextualmente para o período histórico que lhe serve de base, sustentáculo. É a partir de 1978, ano do lançamento da composição, que os movimentos operários e os sindicatos começam a se organizar. Nesse



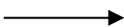
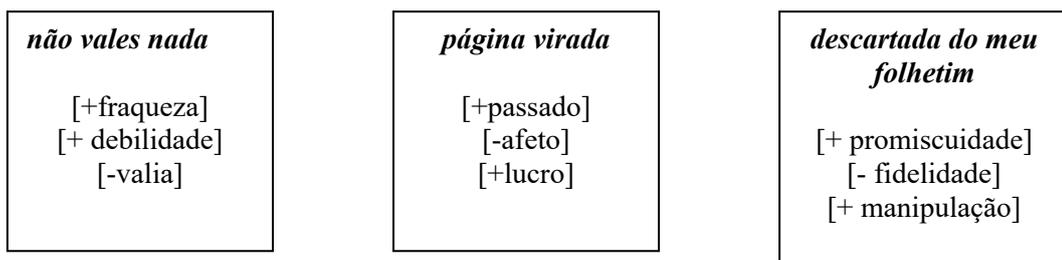
II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

gérmen de revolução, as prostitutas iniciam sua luta pela legitimização da profissão. Há uma forte reivindicação pelo reconhecimento da prostituição como uma atividade essencialmente mercantil, desempenhada por mulheres que admitem naturalmente, sem imposição determinista de ordem social, ter vocação para o negócio.

O princípio intrínseco ao movimento e que causa repulsa socialmente consubstancia-se na tese de que a atividade é totalmente desprovida de afeto. Não há cobranças sentimentais ou conflitos amorosos. É simplesmente uma ocupação com a qual a mulher busca ascender ou sobreviver, usando para tal, algo que, biologicamente, lhe pertence: o corpo.

Esse total desprendimento para com aquele que faz uso de sua carne, fica evidente, no texto, através da constituição de outro campo cujo núcleo sêmico gira em torno do hiperônimo *homem-objeto*. A prostituta afirma ser ela o explorador que usa e descarta o homem a seu bel prazer. O que ele tem a oferecer-lhe são apenas valores materiais necessários a uma vida de luxo ou prazeres. São concepções que não encontram boa receptividade principalmente entre os homens visto que muitos, por razões históricas e culturais, agem conforme princípios patriarcais ainda latentes em seus agrupamentos sociais. Ao negar esses dogmas, a prostituta, presente na canção, evidencia a fragilidade desse paradigma e põe, em discussão, ideologias machistas e segregadoras. A esquematização seguinte sintetiza a narrativa:





II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Como se percebe, através da ilustração acima, a proeminência da prostituta pode ser visualizada por meio de uma gradação discursiva que traduz o desprestígio e fragilidade do homem diante das artimanhas de uma mulher. Obtidos os bens que deseja, e como não há afeto nem sentimento nessa relação, ela o abandona e insiste em mostrar-lhe a sua inferioridade, dizendo, cara a cara, que ele “*não vale nada*”, ou seja, não detém valor algum para ela.

A cartada final, sobre o ego masculino, aparece materializada nas expressões “*página virada / descartada do meu folhetim*”. Na canção, o termo não remete ao gênero literário, de feições romanescas, que, em tempos não muito longínquos, era veiculado diariamente em um jornal. Dessa acepção, o texto resguardou apenas os traços [- permanente, + diário, + efêmero] o que converge para o tipo de relação fugaz e promíscua estabelecida pela prostituta.

Anexo:

FOLHETIM Chico B. de Holanda

Se acaso me quiseres
Sou dessas mulheres
Que só dizem sim
Por uma coisa à toa
Uma noitada boa
Um cinema, um botequim
E, se tiveres renda
Aceito uma prenda
Qualquer coisa assim
Como uma pedra falsa
Um sonho de valsa
Ou um corte de cetim
E eu te farei as vontades
Direi meias verdades
Sempre à meia luz
E te farei, vaidoso, supor
Que és o maior e que me possuis
Mas na manhã seguinte
Não conta até vinte
Te afasta de mim
Pois já não vales nada



II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

És página virada
Descartada do meu folhetim

Referências:

- BARBOSA, Maria Aparecida. Estruturas e Tipologia dos Campos Conceptuais, Campos Semânticos e Campos Lexicais. In: **Acta Semiótica et Lingvística - SBPL**, vol. 08. São Paulo: Editora Plêiade, 2000.
- _____. A construção do conceito nos discursos técnico-científicos, nos discursos literários e nos discursos sociais não literários. In: **Revista Brasileira de Lingüística**. Vol.11 (1). São Paulo: Terceira Margem, 2001: 31-60.
- _____. **Léxico, Produção e Criatividade**. São Paulo: Plêiade, 1996.
- CHABROL, Claude et al. **Semiótica narrativa e textual**. São Paulo: Cultrix, 1977.
- CHAFE, Wallace L. **Significado e Estrutura Linguística**. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, 1979.
- CHOMSKY, Noam. **Reflexões sobre a Linguagem**. São Paulo: Cultrix: 1980.
- COURTÉS, Joseph. **Analyse Sémiotique du Discours. De l'énoncé à l'énonciation**. Paris: Hachette, 1991.
- _____. **Introdução á Semiótica Narrativa e Discursiva**. Coimbra: Livraria Almedina, 1979.
- DEELY, John. **Semiótica Básica**. São Paulo: Editora Ática, 1990.
- DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres do Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 1997.
- FIORIN, José Luiz. **Elementos de Análise do Discurso**. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- _____. **Linguagem e Ideologia**. São Paulo: Editora Ática, 1999.
- _____. **As astúcias da Enunciação**. São Paulo: Editora Ática, 2002.
- GANCHO, Cândida Vilares. **Como analisar narrativas**. São Paulo: Editora Ática, 1998.
- GODET, Rita Oliveira, SOUZA, Lícia Soares de (Orgs.). **Identidades e representações na cultura brasileira**. João Pessoa: Idéia, 2000.
- GOMES, Claudete Pereira. **Tendências da Semântica Linguística**. Rio Grande do Sul: Editora Unijuí, 2003.